

# Como era bom o meu Planalto

Para os que vêm de fora, andar em Brasília, hoje, não é tarefa fácil. Todos se queixam - e com razão - de que as placas indicativas são uma raridade. As placas, em realidade, são um achado para quem está perdido no meio de pistas onduladas, hamtolés trevos e túneis. Uma pena porque, quando se conhece a estrutura da cidade, não há lugar mais lógico, mais claro e melhor de se andar do que Brasília. O que hoje falta, entretanto, sobrava em 1957. Havia montões de placas onde quer que houvesse um sinal de vida, onde quer que se estivesse construindo algo. Uma foto, por exemplo, colhida na entrada sul do atual Eixo Rodoviário é uma prova evidente do fato. Elas mostravam aos motoristas de caminhão que vinham à "cidade" pela primeira vez, o caminho dos numerosos acampamentos. Naqueles tempos, mesmo os que moravam aqui, perdiam-se, muitas vezes, nas enganosas picadas abertas no cerrado igual e monótono.

Não havia prédios a servir de ponto de referência e os Eixos não estavam ainda terminados. Os acampamentos desapareciam no cerrado. A nota pitoresca era o colorido das bandeiras que assinalava a presença dos acampamentos. Hasteadas em postes de madeira, elas se agitavam ao vento do Planalto, facilitando a localização. Eram um sinal de vida. Um sinal alegre, descontraído, festivo mesmo. Pareciam dar boas-vindas a quem quer que chegasse. Como na realidade acontecia. Todos eram bem-vindos, desde que dispostos a entrar na luta, trabalhar, colaborar com a cidade.

Tudo era diferente naqueles "velhos" tempos. Como não poderia deixar de ser. A vida social e alegre dos pioneiros de Brasília, nos anos de 1957 a 1959, se passava, toda ela, nas cantinas dos acampamentos. Eles funcionaram, portanto, como os primeiros clubes e restaurantes da Capital que nascia. Dessas cantinas, uma das mais famosas, em 1958, foi a do IPASE, erguida na faixa verde da superquadra sul 207. Até os momentos corriqueiros do almoço e do jantar, quando a maioria dos habitantes ali se encontrava, era motivo de conagração, de alegria, de vibração. Ali se celebravam as festas do Natal, o Carnaval, e as festas juninas. Aos sábados, as famílias se reuniam para o jantar. Depois vinha a animada sessão do cineminha. De quando em quando, um jantar dançante ou o violão triste de algum seresteiro, nas longas, frias e enluaradas noites do Planalto, curtiã as saudades da terra distante. A curtição era geral e total. A saudade, comum. As lembranças, tão variadas e semelhantes...

O whisky vinha de Belém, a preços convidativos. Em ocasiões especiais, convites eram feitos a amigos de outros acampamentos, em confraternização. A foto, publicada aqui, da Cantina do IPASE, foi feita em 1959 e registra um momento dos festejos juninos que se aproximavam. Faz tão pouco tempo e já parece tão distante! Com a inauguração da Capital, a abertura de restaurantes e a criação de muitos clubes, as Cantinas desapareceram. E com elas, aquele espírito de camaradagem próprio de épocas pioneiras e difíceis.

## PRIMEIRA IGREJA

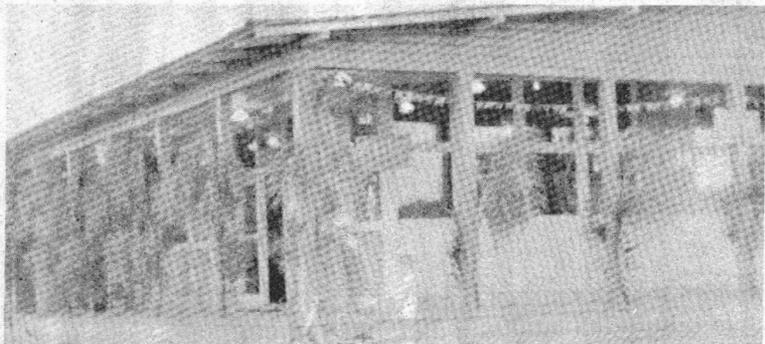
As mais famosas igrejas do mundo nasceram de uma promessa. Também assim aconteceu com a primeira Igreja erguida e inaugurada no Plano Piloto. Mandada construir pela esposa do Presidente Juscelino Kubitschek, foi inaugurada em 1958. Suas linhas originais realçavam toda a beleza de sua simplicidade. Naquele tempo, a "Igrejinha" - como ficou conhecida até hoje - se destacava ainda mais na paisagem, pela ausência de qualquer outro prédio à sua volta, como mostra a foto colhida no dia 2 de agosto de 1958.

A Igrejinha de Fátima, ao ser inaugurada, trazia uma interessante particularidade, formada pela pintura interna de suas paredes. O desenho imitava bandeirinhas coloridas de papel, como as usadas nas novenas do interior. Outra de Athos Bulcão, o mesmo que, quase dez anos depois faria o colorido painel do hall superior do Palácio do Itamarati, recebeu muitas críticas. A falta de sensibilidade artística e cultural de uns poucos só ficou satisfeita quando uma mão de tinta branca cobriu toda a beleza autêntica ingênua e profunda ao mesmo tempo, paredes originais do pequenino templo.

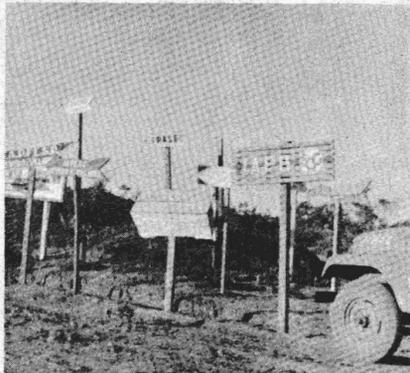
A Igrejinha de Fátima - que, inclusive deu nome à Rua (Rua da Igrejinha) - foi sagrada com a Bênção Litúrgica, celebrada por Dom Armando Lombardi, Nuncio Apostólico, que, na ocasião, leu a mensagem especial do Papa Pio XII: "Na certeza de que a Igreja Nossa Senhora de Fátima, de Brasília, será centro irradiador de intensa vida cristã, concedemos a Vossa Excelência e demais pessoas presentes nossa bênção apostólica". A mensagem era dirigida à senhora Sarah Kubitschek.

## VAZIO

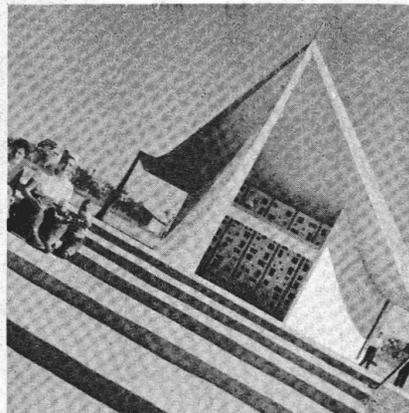
Brasília, por sua planificação, tende a ser uma cidade de ruas vazias de gente. Imagine-se como não era em 1959. Por isso, a cada vez que um número maior de pessoas se aglomerava em volta de alguma coisa, era até notícia na Imprensa. No dia primeiro de maio de 1959, um desses momentos foi motivo de admiração. Atendendo à convocação do Presidente da República, toda a população da cidade praticamente acorreu à Esplanada dos Ministérios, para festejar o Dia do Trabalho. Centenas de caminhões despejaram operários dos mais distantes acampamentos. Podia-se dizer que a grande esplanada "fervia" de gente. O mais alto prédio de Brasília - a sede do Congresso Nacional - estava ainda com sua estrutura metálica incompleta. Era uma promessa que seria cumprida, embora muitos duvidassem que, onze meses depois, o Congresso ali se instalaria, para fixar definitivamente a mudança da Capital. E se instalou.



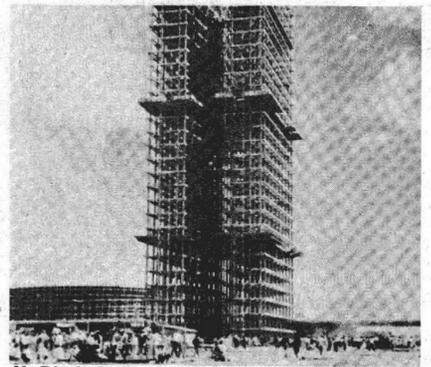
As cantinas eram uma nota característica dos começos de Brasília, onde toda a vida social se desenvolvia. Na foto, a Cantina do IPASE, na faixa verde da SQS 207



As placas que faltam hoje, sobravam em 1957, embora toscas e desordenadas. Mas, o certo é que a gente se perdia menos na imensidão do Planalto do que nas modernas e sofisticadas vias de Brasília



Como as mais famosas igrejas do mundo, a Igrejinha também nasceu de uma promessa



No Dia do Trabalho (a 1º de maio de 1959) quase todos os habitantes da cidade em construção acorreram à Esplanada dos Ministérios, onde a estrutura metálica incompleta do Congresso gerava a dúvida em muitos de que meses depois o prédio pudesse estar concluído

Texto e  
fotos de  
Manoel Mendes